

A saúde tem pressa

19 MAR 1995

"Política é a arte de fazer aos outros o que não queres que te façam"

A. E. Bergerat



**A política,
neste país,
parece ter
matado a
bondade e a
filantropia**

Assim como a educação e a agricultura, a fome e a saúde tornaram-se assuntos estritamente políticos, neste país em que a regra de ouro pregada no Evangelho, "Amarás ao próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:39), o segundo mandamento do Novo Testamento, tem sido praticada às avessas pelos nossos governantes.

Tenho realmente muita pena de nossos eleitos: presidente e governadores, ministros e secretários de Estado (deputados e senadores nem tanto...), que encontraram a coisa pública no estado atual. Ele é uma consequência de anos de descaso por parte de vários governos omissores, que têm gasto sobretudo o dinheiro da saúde com as doenças da corrupção e nas vantagens políticas — o nosso dinheiro, meu e seu!

Nossos políticos, finalmente, encontraram a fórmula secreta para matar de fome aqueles que, cultivando a terra, fazem viver os demais, e aqueles que, com seu traba-

da inicia seus primeiros passos para corrigir os desmandos que deve ter encontrado. Entretanto, se não o fizermos, ficará a impressão de que as coisas já mudaram e tudo está bem com os nossos doentes. Não é o que constatamos no dia-a-dia de nossos hospitais, em cujos corredores continuam a ocorrer verdadeiros crimes judiciais, totalmente fora do controle da OAB e dos Ministérios Públicos que, por razões que desconhecemos, nunca intervieram nestes crimes de extermínio em massa que são diariamente impostos aos nossos padecentes, ficando o povo e o usuário sem nenhum instrumento disponível de defesa, encurralados neste verdadeiro Auschwitz brasilei-

ro, perderam a saúde no afã de pagar os impostos e os megassalários que sustentam os Congressos, permitindo-lhes fazer sua política de indiferença aos necessitados: a política de se servir das pessoas fazendo-as crer que são servidas. Victor Hugo dizia que, "entre um governo que faz o mal e o povo que o consente, há certa solidariedade vergonhosa".

É triste ter de voltar novamente ao assunto da saúde nesta página, quando o governo ain-

da hospitalizados de mentirinha (quando conseguem uma vaga numa maca). Na verdade são abandonados à própria sorte, sem direito a reclamar pelos milhares de mortes que o sistema permite ocorrer aos nossos entes queridos, num país em que teoricamente seríamos presos (nem todos) se não pagássemos nossos impostos, mas sem o direito de apelar pelo que o Estado nos impõe nos corredores de hospitais desaparelhados, por falta de atendimento ou recursos, já pagos pelos nossos impostos, porém malbaratados para finalidades nem sempre esclarecidas. Transforma-se, assim, a nobreza da Medicina, que procura salvar e confortar, no símbolo do que pode haver de pior no ser humano: o descaso e o abandono, o desprezo pelo sofrimento humano, pois o que é mau na moral deveria também ser mau na política. De que valem as leis, de que valem as penas, se os chefes e as autoridades dormem? Até quando teremos saúde tão-somente para os que a podem comprar, e não para os que ainda estão vivos e já pagaram por ela, quando ainda estavam sadios? Os governos deveriam ser como o bom pastor, que apascenta suas ovelhas. Podem até tosquiar-las, mas jamais devorá-las ou entregá-las ao lobo da saúde.

A política, neste país, parece ter matado a bondade e a filantropia, ou, na pior das hipóteses, deixou-as

simplesmente morrer, como já fez com milhares de doentes que poderiam ainda estar vivos no seio de suas famílias, se não tivessem sofrido uma morte estúpida.

Até quando vamos tolerar que as mentiras continuem soando como verdades, ocultando da população os fatos como realmente ocorrem, tolerando esse morticínio como algo respeitável, somente porque ocorre no interior de hospitais, ignorando-se toda a perversidade escondida sob a aparência de que tudo vai bem neste paraíso dos que se omitem?

Felizmente, novos ventos parecem soprar no setor da saúde. Que eles nos sejam propícios, como poetizou Paulo Bonfim, príncipe de nossos poetas: "O vento é a alma da terra, terra de instintos remotos, que agoniza em cataclismas"... FH e Covas parecem ter se esmerado na escolha de grandes nomes. Nunca vimos tantos homens certos nos lugares certos: Jatene no ministério, Silva Guedes na secretaria de Estado, Kanamura no Hospital das Clínicas, Levi no Emílio Ribas, e tantos outros. Jamais vimos também 'tamanho conjunto associado de competências. Que a saúde lhes seja leve! O vento é um ar que tem pressa... e a saúde também!

■ Raul Marino, Jr., professor titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP, é presidente da Academia de Medicina de São Paulo